

ESTADOS UNIDOS, O REGIONALISMO E O MÉXICO: PERSPECTIVAS DO GOVERNO DONALD TRUMP

*Milagro Mengana Castañeda
Roberto Teles Lima Barros*

A premissa do presidente estadunidense Donald Trump, o “America great again”, encerra uma lógica contraditória ao desenho do sistema internacional erguido pelos Estados Unidos no pós-Segunda Guerra. Um pretensão protecionismo em matéria comercial- apesar desta retórica responder ao contexto doméstico do país- tende ao aprofundamento do retraimento ocidental e ao fortalecimento de outros atores com capacidade de projeção em vários âmbitos regionais, em especial a China; ao mesmo tempo em que as decisões já tomadas por este mandatário em 2017 geraram uma parcial reorientação dos processos de regionalismo em diversas latitudes geográficas.

O Acordo Estratégico Transpacífico de Associação Econômica (TPP em sua sigla em inglês) foi assinado por 12 países em fevereiro de 2016, sendo estes signatários representantes de um terço do fluxo de comércio mundial e deterem 40% do produto interno bruto (PIB) global. A gênese desse acordo parte ante a paralisada Rodada Doha no âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC) há 7 anos, tendo o mesmo sido promovido pelo ex-presidente Barack Obama e movido por suas perspectivas de melhores oportunidades para as empresas estadunidenses ao mercado do Eixo do Pacífico e impulsionar novas regras para o regime comercial e de investimentos, buscando novos parâmetros de padronização de temáticas acerca de questões ambientais, trabalhistas, propriedade intelectual, etc.

Entretanto, no 23 de janeiro de 2017- em seu primeiro dia de trabalho e como cumprimento das promessas de sua campanha- o presidente Trump assinou o decreto executivo que retirou os Estados Unidos do TPP e da estratégia de seu predecessor de incrementar a presença do país na Ásia e exercer um contrapeso à crescente influência chinesa naquela região. Este ato marca o tom protecionista que o atual presidente

estadunidense tem dado em suas negociações comerciais ao redor do globo, cujos reflexos esbarram para todas as direções.

Portanto, perante essas fracas perspectivas de incremento nas relações comerciais com os Estados Unidos, os membros da Aliança do Pacífico (bloco comercial fundado por Chile, México, Peru e Colômbia) buscam vigorizar o papel do grupo dentro do comércio intrarregional, concomitantemente com o reforço chinês na manutenção do aprofundamento de suas relações com a América Latina. A China, ao perceber a ausência pronunciada dos Estados Unidos no TPP, aproximou-se de seus parceiros latino-americanos e asiáticos, sendo neste caso promotora da Associação Econômica Integral Regional (RCEP na sigla em inglês), uma resposta ao naufrágio do TPP. Não obstante, os impasses políticos e rearticulação de coalizões na América do Sul tornou possível uma maior aproximação entre o Mercosul e a Aliança, criando a possibilidade do diálogo entre os blocos e possibilidade de uma área de livre-comércio inter-bloco.

Como as asas e o alcance do poder dos Estados Unidos, a política de Trump perante o regionalismo também afetou suas relações com a Europa. Negociado simultaneamente ao TPP, o Tratado Transatlântico de Comércio e Investimentos (TTIP em sua sigla em inglês) entre os EUA e a União Europeia (UE) tem passado por meses de incertezas após a ascensão do mandatário à Casa Branca. Apesar das recorrentes ameaças de Trump para rever as negociações e de sua postura mais rígida em relação ao livre-comércio e aos acordos multilaterais, a comissária de comércio da UE, Cecilia Malmström, e o secretário de comércio dos EUA, Wilbur Ross, reabriram o a conversação sobre um possível relançamento do TTIP. Para o bloco europeu, o acordo transatlântico significa uma possibilidade de manutenção de seu status dentro das rotas comerciais globais, uma vez em que o grupo sofre com o fenômeno do Brexit e ainda excluído do avanço chinês com o RCEP na Ásia.

E a questão europeia com Trump não se remete apenas na área comercial, mas também no espectro de Segurança que une o Atlântico Norte. Desde a Guerra Fria, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN na sigla em português) significa o grande guarda-chuva de proteção europeu e do ocidente perante as suas ameaças e manutenção de uma força conjunta de ação e reforço de interesses. A retórica de Trump ameaça a existência e manutenção da coalizão militar mais vindoura do mundo, acusando de que os EUA bancam quase que por totalidade a Segurança europeia e que, agora, eles terão de dividir a conta. Em resposta, a chanceler alemã, Angela Merkel, uma das proeminentes líderes do bloco europeu,

deu como resposta que já é mais do que tempo da Europa ter sua própria força, com ou sem os EUA, reforçando um crescente cisma de interesses entre as partes.

Ainda assim, os principais prejudicados perante a política de Trump para o (anti)regionalismo tem sido seus parceiros hemisféricos do Tratado de Livre-Comércio da América do Norte (TLCAN). O principal acordo comercial do mundo em volume de comércio intra-bloco é formado pelos EUA, Canadá e México e tem sido um dos principais alvos do governo Trump desde a sua pré-candidatura. Os fatores que envolvem essa particular animosidade do presidente pelo acordo advêm de sua retórica nacionalista e ao protecionismo aqui já proferido. Portanto, não é de se estranhar o presidente culpar o TLCAN pelo desemprego no setor industrial estadunidense, da perda da competitividade do país em relação a seus vizinhos e que os mesmos gozam do maior mercado consumidor do mundo sem pagar corretamente por isso. Em especial, o México é o mais citado como beneficiário do TLCAN pelo presidente, ao ponto de que as citações ao TLCAN quase se mantêm como sinônimo aos país latino e que, individualmente, é acusado de exportar mão-de-obra ilegal, de ser o culpado pelo tráfico de entorpecentes e humano na fronteira, entre outros, até ao ponto da necessidade de afirmar que se há de construir um muro por toda a fronteira e que o México irá pagar de alguma maneira por esse fardo.

Diferentemente da retórica do presidente para sua audiência interna, a realidade mexicana pós-TLCAN não é necessariamente tão vantajosa e tampouco condiz com tendência da economia política internacional. Sobre o primeiro, o México pós-TLCAN é, paradoxalmente, o país cujas exportações tem maior importância no PIB e que, estruturalmente, é deficitário em sua balança de pagamentos. Dentro de outro paradoxo que se instaura na realidade mexicana, é um dos países latino-americanos com maior número de acordos de livre-comércio, mas que mais de 84% das exportações são direcionadas para o TLCAN, sendo 81% apenas para os EUA¹. Além do mais, os setores mais dinâmicos e representativos das vendas mexicanas são os que são menos intensivos em mão-de-obra- semi e manufaturados-, o que não necessariamente geraria uma grande reversão de empregos com a mudança das plantas para os Estados Unidos.

Daí se correlaciona à falta de coerência no discurso do presidente americano ao enaltecer o esforço para repatriar as empresas para o solo de seu país. O setor industrial que melhor

1 Dados referentes a 2016.

lucra e dinamiza suas relações comerciais são os opostos aos de intensa mão-de-obra, tendendo cada vez mais, com o avançar tecnológico das inteligências artificiais, não necessitar de grandes contingentes de mão-de-obra humana. Como apontou o economista Robert Lawrence em um seminário da Confederação Nacional da Indústria em São Paulo, a curva de desemprego no setor industrial é um fato global, principalmente dentro dos países mais industrializados, e que, em algum tempo, é que atinjam fortemente aqueles países que funcionam como “mão-de-obra terceirizada”.

E o México, dentro desse debate, encontra-se em um forte enclave político-econômico. Se nos anos 2000 o país manteve uma política externa “equilibrista” (GONZÁLEZ, 2007) em relação à América Latina, utilizando-a como contrapeso à sua relação com os Estados Unidos, hoje o país necessita reordenar suas estratégias para manter seu status dentro do cenário internacional. A subida de Trump ao poder ceifou as duas grandes oportunidades descritas pelo Plano de Desenvolvimento Nacional atual governo mexicano. O Plano baseava-se no reforço das relações com o eixo do pacífico (em especial o TPP) e o aprofundamento do TLCAN para a volta da competitividade do México dentro das cadeias de produção global. Para essa estratégia, abriu-se ainda mais a economia- lançando mão do monopólio petrolífero do Estado- buscou-se consolidar a Aliança do Pacífico e apoiar o TPP, relegando aos outros blocos da América Latina e política hemisférica um papel secundário. A consequência dada pelo destino foi a interrupção dessa estratégia com a eleição de Trump e a buscar por tentar, ao menos, manter o TLCAN sem grandes alterações e prejuízos.

As opções de diversificar e variar as opções de comércio do México pelos seus governantes já foram cogitadas e trabalhadas. Como já afirmamos anteriormente, o país detém mais de 40 acordos de livre-comércio com outros Estados e blocos. A dependência quase que exclusiva para os Estados Unidos advém de dois grandes fatores: a inequívoca proximidade geográfica com o maior mercado do mundo e a relação de suas elites econômicas que geraram esse aprofundamento. O modelo de maquilas e de inserção no mercado global pós-TLCAN transformou o México em um grande produtor industrial de empresas estrangeiras, com fortes vínculos econômicos e financeiros com o mercado estadunidense, o que dificulta a diversificação, quando seus agentes econômicos o direcionam especificamente para outros lados (BENACHENHOU, 2013). Essa discrepância entre acordos estatais e ação das elites poderia vir a mudar nesse período em que, com uma retração do TLCAN, as oportunidades ao Sul do hemisfério aparecem, nesse caso o surgimento de governos mais abertos à proposta de regionalismo liberal na Argentina e no

Brasil. Assim, uma junção comercial entre Aliança do Pacífico e Mercosul poderia vir a calhar no caso de uma necessária diversificação, mesmo que sua efetividade dependa de outras vontades para além da capacidade do governo de um Estado sem grandes recursos.

O curioso fato que se forma com as atitudes de Donald Trump perante o regionalismo é a crítica ao modelo liberal anteriormente propagado pelos EUA terem como principal crítico e iconoclasta o atual presidente deste Estado. Com o advento do Brexit e de Trump, a ordem do regionalismo como modelo de inclusão de mercados e de como uma estratégia para uma melhor inserção no mercado global vem a ser erodida justamente por seus anteriores promotores e baluartes, retomando o teor nacionalista de tempos vindouros. Já para os que se aprofundaram no processo e pouco tem a fazer ao remar contra a maré, pouco lhes resta a fazer. Ao México, perante a encruzilhada que se encontra o TLCAN resta contrabalancear com o Canadá, os EUA e buscar por alternativas, tendo em vista que já havia apostado suas fichas na vinculação econômica com os EUA há muito tempo, até hoje esperando maiores compensações. Dentro desse cenário a aproximação chinesa poderia surgir como alternativa, ao mesmo tempo que não seja visível. A ironia presente é que, durante o período Obama, analistas como Shannon K. O'neil (2013) apontavam o México como o grande aliado dos EUA contra a China na disputa do mercado global e, hoje, ele é visto pelo presidente como um “vilão”. Em tempos de grandes reviravoltas, o regionalismo latino-americano tem a oportunidade de se aprofundar ou expandir, entre suas zonas Norte e Sul como respostas ao isolacionismo estadunidense ou apenas esperar os revezes e ironias que compõem o destino.

Milagro Mengana

Doutoranda em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-Graduação San Tiago Dantas. Mestre em Relações Internacionais pelo ISRI (Cuba) e Mestre em Direito Penal pela UO (Cuba). Atuou por sete anos como professora, coordenadora e pesquisadora no curso de Licenciatura em Direito da ULT, Cuba. Atua e tem interesse nas seguintes áreas: Integração Regional e relações bilaterais de Cuba com os países latino-americanos. E-mail: milagro8412@gmail.com

Roberto Teles

Mestrando em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-Graduação San Tiago Dantas. Membro do COPEDE e da equipe do Observatório Paraguaio de Defesa e Forças Armadas, vinculado ao Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional (GEDES São Paulo) e participantes da rede sul-americana de Observatórios de Política Externa e Defesa. Foi bolsista do Programa Especial de Incentivo à Iniciação Científica (PIIC 2011-2012). Pesquisa temas vinculados a Política Externa Brasileira e Mexicana; Política Externa Latino-Americana; Integração Regional e Política. E-mail: robertotlb@hotmail.com

REFERÊNCIAS

BBC. Donald Trump retira a Estados Unidos del TPP, el Acuerdo Transpacífico de Cooperación Económica. 23 de enero de 2017. Consultado en: <www.bbc.com/mundo/noticias-internacional-38723381>. Acceso en: 11 feb. 2017

BENACHENHOU, A. México: longe de Deus e perto dos Estados Unidos. In: BENACHENHOU, A. Países Emergentes. Brasília: FUNAG, 2013, p. 171-184.

COPADES. Los primeros 100 días del presidente Donald Trump en la Casa Blanca. [abr. 2017]. Disponible en: <<http://www.copades-nic.com/info/phocadownload/descarga/100DIATRUMP.pdf>>. Acceso en: 14 abr. 2017.
El Boletín. Donald Trump rectifica: EEUU negocia resucitar el TTIP. 25 de abril de 2017. Consultado en <www.elboletin.com/mvc/amp/noticia/148320/>. Acceso en: 15 junio 2017

EUROPA “ya no puede confiar completamente” en Estados Unidos y Reino Unido, dice Angela Merkel. BBC Mundo, 28 mayo 2017. Disponible en <www.bbc.com/mundo/noticias-internacional-40080889>. Acceso en 28 mayo 2017.

EXTRA. Autoridades de México e Canadá resistem à cláusula de caducidade no NAFTA. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/economia/autoridades-de-mexico-canada-resistem-clausula-de-caducidade-no-nafta-21942999.html>. Acesso em 15 outubro 2017.

GONZÁLEZ, G. G. México en América Latina: El difícil juego del equilibrista. *Foreignaffairs:Latinoamérica*, Vol.7,Nº.4(Octubre-deseembre),2007,pgs.31-37.

MARTÍNEZ, Ángel. Trump y May se prometen fidelidad más allá de la OTAN 2017. *El Confidencial*. Madrid, 21 enero 2017. Disponible en <www.elconfidencial.com/amp/mundo/2017-01-27/estados-unidos-trump-reino-unido-may-rueda-de-prensa_1322700>. Acceso en: 2 feb.2017.

MORALES, Roberto. AP y Mercosur buscarán facilitación comercial y mayor integración. *El Economista*. México, 10 abr. 2017. Disponible en: <www.m.economista.mx/industrias/2017/04/10/ap-mercosur-buscaran-facilitacion-comercial-mayor-integracion>. Acceso en 3 mayo 2017.

O'NEIL, S. K. Mexico Makes It. *Foreign Affairs*. Disponível em: <<http://www.foreignaffairs.com/articles/138818/shannon-k-oneil/mexico-makes-it>>. 2013. > Acessado em: 15 de outubro 2017.

PODER EJECUTIVO NACIONAL. Plan Nacional de Desarrollo 2013-2018. México, 2013. Disponível em < <http://goo.gl/cuwstS>>. Acesso em 15 de outubro 2017.

TRADING ECONOMICS. Mexico's Economic Indicators. Disponível em: < https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjSvbOb8_XWAhWGGpAKHRhlDi4QFggoMAA&url=https%3A%2F%2Ftradingeconomics.com%2Fmexico%2Findicators&usg=AOvVaw2kPkPfvaVvDclBYPZkaxHH>. Acesso em 15 outubro 2017.